



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo J. F.; VOLPI, Sandra Mara Dall' Igna Volpi. O fascismo na visão de Wilhelm Reich e suas relações com a história e a sociologia brasileira. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

O FASCISMO NA VISÃO DE WILHELM REICH E SUAS RELAÇÕES COM A HISTÓRIA E A SOCIOLOGIA BRASILEIRA

Diogo Johannes Follador de Souza
Sandra Mara Volpi

RESUMO

Wilhelm Reich escreve sobre como o fascismo aproveita dos aspectos inconscientes, sobretudo o medo e o ódio, para propalar sua ideologia e os motivos que levaram os alemães a concederem a Adolf Hitler o cargo de maior poder daquele país. Para que tais discursos ecoem nas massas é preciso que tais sentimentos já estejam presentes na estrutura de caráter delas, a fim de que seja possível a identificação com aquele que dissemina tal discurso. Através de uma revisão bibliográfica o presente artigo procura na gênese do povo brasileiro, através das ideias e conceitos de sociólogos nacionais os motivos inconscientes que levaram ao poder líderes com aspectos e ações antidemocráticos e, em certos casos, apolíticos.

Palavras-chave: Fascismo. Reich. Sociologia.

Conhecem os teus podres como só tu próprio os devia conhecer. Sacrificam-te a um símbolo e és tu próprio quem lhes confere o poder que exercem sobre ti. Ergueste tu próprio os teus tiranos, e és tu quem os alimenta, apesar de terem arrancado as máscaras, ou talvez por isso mesmo. Eles mesmo te dizem clara e abertamente que és uma criatura inferior, incapaz de assumir responsabilidades, e que assim deverás permanecer. E tu nomeia-os novos “salvadores” e dás-lhe “vivas”. (REICH, W. 1974, p. 28 e 29).

O trecho acima é do livro *Escuta Zé Ninguém*, de Wilhelm Reich. Nesse texto o autor dialoga com o cidadão comum que sustenta, por conta da identificação inconsciente, líderes radicais e criminosos como Hitler ou Mussolini. A estrutura de caráter do ser humano foi um dos assuntos mais estudados e percorridos por Reich durante sua vida. Reich (2001), contudo, não se contenta em explicitar suas ideias a respeito do indivíduo, extrapolando seus conceitos à sociedade como um todo, realizando estudos sociológicos de suma importância para compreendermos como regimes totalitários, contrários às genuínas demandas humanas, chegaram ao poder com amplo apoio das massas. O fascismo fascina! E por que fascina? O que levou ao engajamento massivo da população à ideologia nazista na Alemanha? Qual foi o movimento (de reação) social (e internacional) que impediu a revolução socialista vislumbrada por Karl Marx e Friedrich Engels? Como o ideário fascista, com seu ódio e horror, tomou de assalto um mundo sedento por amor e prazer? Reich (2001) procura elucidar essas e outras questões complexas do comportamento social.

O cenário da Alemanha pós Primeira Guerra Mundial parecia propício para uma revolução social, já que haviam milhões de desempregados, um grande número de miseráveis



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo J. F.; VOLPI, Sandra Mara Dall' Igna Volpi. O fascismo na visão de Wilhelm Reich e suas relações com a história e a sociologia brasileira. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

e uma crise econômica sem precedentes (REICH, 2001). Contudo a “[...] situação econômica não se traduz automaticamente em consciência política [...]” (REICH, 2001, p. 18) e o que sucedeu foi exatamente o contrário, já que a grande massa de alemães abraçou o ultranacionalismo nazista, com sua ideologia reacionária e violenta. Isso porque, entre outros motivos, os teóricos marxistas focaram somente nos aspectos objetivos para a revolução (econômicos) deixando de lado a subjetividade humana (ideologia); Hitler soube explorar isso muito bem:

O saco de batatas que Hitler deu como presente tinha um objetivo 99% ideológico e 1% prático. E o mesmo se passou com a redução dos preços dos transportes urbanos, etc... O operário formado pela luta de classes não se deixa levar facilmente, mas muitos outros cederam. [...] Aceita a esmola sem tomar consciência de que na realidade é ele o dono da produção e de que por isso nada lhe podem oferecer. Se o operário está obcecado pela ideia de que “mais vale um saco de batatas do que estar desempregado”, não pode encolerizar-se perante a ideia de que o empresário, cidadão igual a ele, retire da empresa uma soma mil vezes maior que a sua. (REICH, 1976, p. 41).

Apesar de Reich ter em “Psicologia de massas do Fascismo” (1946) sua principal e mais conhecida obra sociológica a respeito do tema, ela não é a única. O trecho citado acima é do ensaio “O que é consciência de classe?”, publicado pela primeira vez no ano de 1934 (apenas um ano depois de Adolph Hitler e o Partido Nazista ascenderem ao poder). Ele tem por objetivo compreender e elucidar quais são os elementos conscientes e inconscientes que aglutinam indivíduos para um bem comum e porque o movimento operário fracassou em seu objetivo de criar uma consciência de classe. Nesse período, as Leis de Nuremberg, um conjunto de leis antisemitas que visavam proteger o sangue e a honra alemã da suposta degeneração judaica, ainda não haviam sido institucionalizadas na Alemanha e essa obra lança um olhar profético para o futuro sombrio e hediondo que os alemães e a humanidade estavam por conhecer (REICH, 2001). Reich mostra como a política marxista revolucionária negou os aspectos subjetivos que propiciariam a consciência de classe entre os trabalhadores alemães, deixando o caminho livre para a extrema direita nazista, que soube preparar ideologicamente as massas para aceitarem leis excessivamente segregacionistas. Os manifestos e os discursos dos cidadãos esclarecidos a respeito da espoliação sofrida pelos trabalhadores estavam distantes da linguagem e da realidade do trabalhador comum, da parte não esclarecida da massa proletária, impedindo o engajamento dessa fatia demográfica com os ideários revolucionários (REICH, 1976). Reich (1976) diz que as necessidades reais do proletariado (alimentação, bem-estar social, segurança, moradia etc.) foram deixadas de lado em detrimento de teorias e linguajar rebuscado. Seria imperioso para a revolução socialista



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo J. F.; VOLPI, Sandra Mara Dall' Igna Volpi. O fascismo na visão de Wilhelm Reich e suas relações com a história e a sociologia brasileira. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

levar em consideração os desejos progressistas existentes nas massas, bem como compreender “Quais os desejos, angústias e ideias que entravam o desenvolvimento do aspecto progressista (fixações tradicionais)”. (REICH, 1976, p. 18).

A economia sexual baseada no recalque dos desejos da carne, estimulada sobretudo pela moral religiosa e reforçada pelos sentimentos ultranacionalistas, fornecem ao autoritarismo força para chegar ao poder e potência para disseminar o seu ódio. A brutalidade sádica aliada ao sentimento místico encontra-se geralmente em indivíduos cuja capacidade normal para o prazer sexual sofre perturbações. (REICH, 2001, p. 128).

Para Reich (2001) a inibição moral da sexualidade natural da infância, cuja última etapa é o grave dano da sexualidade genital da criança, torna esta criança medrosa, tímida, submissa, obediente, “boa” e “dócil”, no sentido autoritário dos termos. Ela tem um efeito de paralisação sobre as forças de rebeldia do homem, porque qualquer impulso vital é associado ao medo; e como sexo é assunto proibido, há uma paralisação geral do pensamento e do espírito crítico. Em resumo, o objetivo final da moralidade (seja consciente, seja inconsciente) é a criação do indivíduo submisso, que se adapta à ordem autoritária apesar do sofrimento e da humilhação. “[...] A estrutura autoritária do homem é basicamente produzida – é necessário ter isso presente – através da fixação das inibições e dos medos sexuais na substância viva dos impulsos sexuais.” (REICH, 2001, p. 28). Esse processo de repressão sexual distorce as atitudes que seriam orgânicas e socialmente sadias, transformando, por exemplo, a agressão natural em sadismo brutal (REICH, 2001).

Nesse contexto, as massas humanas não podem ser consideradas apenas como vítimas inocentes do sistema que as governam, seja ele um regime totalitário, seja um regime democrático – o povo é o que sustenta tais regimes; sem a sua anuência não existiriam seus algozes (REICH, 1991). O fascismo não é a invenção de um homem ou de um grupo de indivíduos, mas um conjunto de ideias (e preconceitos) que já impregnavam as massas – o que fizeram Hitler na Alemanha, Mussolini na Itália e Stálin na União Soviética foi chancelar e institucionalizar tais ideias, autorizando o terror do Estado, instigando e trazendo à tona o ódio reprimido das massas (REICH, 2001). “[...] um führer ou representante de uma ideia só pode ter êxito [...] quando a sua visão individual, a sua ideologia ou o seu programa, encontram eco na estrutura média de uma ampla camada de indivíduos” (REICH, 2001, p. 32). O führer torna-se a personificação da nação, que protege e encaminha seu povo para a segurança do bem-estar social, recuperando o paraíso perdido...

[ele] atrai as atitudes emocionais que foram em dado momento devidas ao pai,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo J. F.; VOLPI, Sandra Mara Dall' Igna Volpi. O fascismo na visão de Wilhelm Reich e suas relações com a história e a sociologia brasileira. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

severo mas também protetor e poderoso (poderoso na visão da criança) (...) O indivíduo reacionário da classe média baixa descobre-se no *führer*, no Estado autoritário. Devido a essa identificação, sente-se defensor da “herança nacional”, da “nação”, o que não impede que, ao mesmo tempo e também em consequência desta identificação, despreze as “massas”, opondo-se a elas como indivíduo. A sua situação material e sexual miserável é escamoteada pela exaltação da ideia de pertencer a uma raça dominante e de ter um *fuehr* brilhante, de tal modo que deixa de perceber, com o passar do tempo, quão profundamente se deixou reduzir a uma posição insignificante de cega submissão. (REICH, 2001, p. 57-58).

Essa estrutura psíquica das massas, segundo Reich (2001), vai resultar numa sociedade enfeitada pela peste emocional; um certo tipo de epidemia psíquica que permeia toda a sociedade embebida daquele recalque e culpabilização do desejo, do prazer e da vida. Portanto, já era uma realidade viva e que surgiu principalmente de dois fatores: família patriarcal autoritária e misticismo. “Somente quando a estrutura de personalidade do *führer* corresponde às estruturas de amplos grupos, um *führer* pode fazer história (REICH, 2001, p. 32). O fascismo se aproveita dessa estrutura e a reflete na figura do líder (ou *führer*), adequando sua imagem e trajetória histórica às demandas do povo – Hitler ansiava ser um mito (REICH, 2001). Hitler seria a representação simbólica máxima da peste emocional e as massas se veriam representadas nesse símbolo reacionário do ódio. Suas neuroses e psicopatias seriam o destino dos conduzidos. Tomemos como exemplo suas aparições públicas e seus discursos, que transbordavam autoritarismo e ódio, usurpando para si o poder de decidir quem deveria viver e quem deveria morrer; quem deveria servir e quem deveria ser servido; com o auxílio da propaganda nazista mitificou seu passado transformando-o em algo enigmático e obscuro – há evidências que ele possuía sangue judeu e praticava relações homossexuais com frequência à sua época de militar, por exemplo (LANGER, 2018). Essas adaptações do passado e do presente de Hitler foram necessárias justamente para enlear a estrutura psíquica das massas à figura do mito vivo, do ser divino, sem erros e sem falhas que tinha como missão exterminar os inimigos (principalmente judeus e comunistas), trazendo a redenção ao povo alemão, que aceitou de bom grado e entusiasmo a condução (REICH, 2001).

Hitler tinha em sua estética em seu discurso, extremamente ambivalentes e dissimulados, uma medida exata para trazer à tona os sentimentos mais hostis e histéricos das massas, ao mesmo tempo em que agradava e fazia acordos na surdina com capitalistas e comunistas (REICH, 2001). Exemplo disso é a suástica.

A suástica, é portanto, originariamente um símbolo sexual. (...) Assim, é de supor



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo J. F.; VOLPI, Sandra Mara Dall' Igna Volpi. O fascismo na visão de Wilhelm Reich e suas relações com a história e a sociologia brasileira. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

que este símbolo, representando duas figuras enlaçadas, provoque uma forte excitação em estratos profundos do organismo, excitação essa que será tanto mais forte quanto mais insatisfeita, quanto mais ardente de desejo sexual estiver a pessoa (REICH, p.95 e 96, 2001).

Esse símbolo é, portanto, apropriado pela propaganda nazista, revestido de outros sentidos e apresentado à sociedade como criação do partido; essa é uma tática recorrente do fascista: a cilada, a mentira, a distorção, o falso, a dissimulação etc. (REICH, 2001).

Hitler dizia que as massas eram femininas e que se comportavam como crianças; o Führer sabia seduzir, conhecia os sentimentos mais torpes que inundam o coração humano. Hitler, em seu manifesto político de 1925, "*Mein Kampf*" ("Minha luta"), fornece inúmeras pistas de seu passado obscuro, visto que muitos intelectuais vêm nessa obra vários momentos autobiográficos. Num certo momento ele relata como era o cotidiano dos seus vizinhos: o pai era um trabalhador e homem honesto durante o dia, que possuía um orgulho excessivo de si mesmo e exigia certa solenidade no trato social; que a noite se embriagava, tornando-se perigoso e violento para a família – a mãe geralmente era defendida por um dos filhos do casal; essa criança protetora muito provavelmente era o próprio Hitler e a riqueza de detalhes impressiona (LANGER, 2018).

A principal base de apoio para a aderência cada vez maior das massas e a subsequente ascensão ao poder do Partido Nazista foi a classe média baixa alemã, que possuía nos laços familiares e na relação com a terra fortes aspectos patriarcais, repletos de repressão e recalcamientos sexuais. Com esses sentimentos sórdidos Reich cria um personagem símbolo da base do fascismo: o "Zé Ninguém". Reich escreve uma obra dedicada às forças que movem esse personagem, que podemos sintetizar com as falas do próprio autor:

Sentes-te infeliz e medíocre, repulsivo, impotente, sem vida, vazio. Não tens mulher, e, se a tens, vais com ela para a cama só para provar que és "homem". Nem sabes o que é o amor. Tens prisão de ventre e toma laxantes. Cheiras mal e a tua pele é pegajosa, desagradável. Não sabes envolver teu filho nos braços, de modo que o tratas como um cachorro em quem se pode bater à vontade. (...) O teu pensamento dispersa-se em rumações sexuais. Falam-te de economia sexual. Algo que te entende e poderia ajudar-se. Que te permitiria vivera à noite a tua sexualidade e que te deixaria livre durante o dia para pensar e trabalhar. Que te faria ter nos braços uma mulher sorridente em vez de desesperada, ver os teus filhos são em vez de pálidos, amorosos em vez de cruéis" (REICH, 1974, p. 41).

Esse modelo social calcado no patriarcado autoritário, em que todos os elementos familiares dependiam economicamente da figura ostensiva do pai, estava embebido pela secularidade do cristianismo da Igreja Católica Romana, cuja influência ideológica o governo



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo J. F.; VOLPI, Sandra Mara Dall' Igna Volpi. O fascismo na visão de Wilhelm Reich e suas relações com a história e a sociologia brasileira. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

de Hitler queria angariar, criando o projeto da “Igreja nacional alemã”, procurando de todas as formas separar as práticas religiosas alemãs daquelas degeneradas, sobretudo de origem judaica; temos, portanto, os dois pilares principais do fascismo: misticismo e família patriarcal autoritária (REICH, 2001).

Na família patriarcal autoritária encontramos, sem exceção, uma economia sexual baseada na repressão e no castigo, em que a moral social nunca está totalmente (em muitos casos está totalmente contra) de acordo com as necessidades naturais da criança. Todos os indivíduos modernos são afetados em menor ou maior grau pela peste emocional, que se alimenta dessa repressão, distorcendo e pervertendo todo o meio social só para mostrar quem manda mais. Nesse cenário em que o poder é exercido quase exclusivamente por homens, as mulheres são vistas como uma extensão do homem (na antropologia bíblica a mulher é concebida a partir de uma costela de Adão); um objeto para se conquistar um fim – ao mesmo tempo esse autoritarismo só foi possível graças à convivência massiva das mulheres, que possuíam sua consciência sexual abafada (REICH, 1991). “A mulher não deve figurar como ser sexual, mas apenas como uma procriadora. [...] A mulher sexualmente consciente, que se afirma e é reconhecida como tal, significaria o colapso completo da ideologia autoritária” (REICH, 2001, p. 99).

O Fascismo tem a capacidade e opera simultaneamente em todas as faixas etárias, procurando se adaptar à cada uma delas à sua maneira. Nos jovens:

“Os rapazes e as raparigas das Juventudes Hitlerianas e da União das Raparigas Alemãs (Bund Deutscher Madel) têm uma liberdade incrível na escola e em casa, que se exprime naturalmente amizades e actividades sexuais. Anteriormente nenhuma rapariga da sua classe e da sua escola teria ousado fazer-se esperar à saída por um amigo. Hoje, os rapazes, sobretudo da Juventude Hitleriana, estão em grupo diante da escola e todos acham isso natural”. (REICH, 1976, pág. 27)

Percebemos, portanto, o poder aglutinador do fascismo, que age ativamente na construção de uma identidade e no sentimento de pertencimento do sujeito ao seu ideário. Isto é o que falta muitas vezes ao movimento revolucionário; responder as demandas de acordo com o potencial de entendimento de cada um (REICH, 1976). Pensamos naqueles radicais apenas propalando o ódio e a antipatia, mas a verdade é que eles promovem, entre os seus, momentos que intensifica a identificação com o Führer. Isso se dá, de maneiras adaptadas, também com os adultos e com as crianças. “Hitler recruta actualmente crianças, graças sobretudo aos jogos e cantos guerreiros. Não há dúvida que nós devemos compreender



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo J. F.; VOLPI, Sandra Mara Dall' Igna Volpi. O fascismo na visão de Wilhelm Reich e suas relações com a história e a sociologia brasileira. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

porque é que este meio lhe assegura o sucesso, a ressonância que tem na criança” (REICH, 1976, pág. 49).

Outro aspecto importante na ideologia fascista alemã é a teoria da raça, segundo a qual os indivíduos de raça superior não deveriam cruzar com as raças inferiores; esta seria a “lei de ouro” da natureza, que quando quebrada vingar-se-ia do contraventor na forma de uma criança de espécie intermediária, que degeneraria e traria a ruína à nação alemã. Para Hitler haviam apenas três tipos de raças: as fundadoras, as portadoras e as destruidoras da civilização; a primeira seria a raça ariana, a segunda seriam as raças que apenas absorveram a civilização ariana à sua maneira e a terceira seria a raça judaica, a destruidora da civilização. Essa raça inferior teria sido o primeiro degrau para o processo civilizatório, que teria sido subjugada pelos arianos, organizando a partir disso o “paraíso na Terra”; contudo essa sociedade começou a ruir quando a linha entre senhores e escravos se apagou na medida em que houve o cruzamento entre indivíduos de diferentes raças, fechando as portas do paraíso – vemos aqui clara referência ao misticismo (REICH, 2001).

Esse modelo de regime totalitário e as ideias que o norteiam não se ateuve apenas aos países europeus e acabou se internacionalizando, influenciando na história e na política do mundo todo (REICH, 2001). No Brasil apareceram e ainda aparecem elementos, nem sempre de forma direta, que fazem alusão às ideias autoritárias da Europa da primeira metade do século XX.

O avanço da agenda progressista no Brasil até 2016 fez suscitar uma reação de setores da sociedade que veem nas pautas de proteção e inclusão das minorias uma ameaça à ordem social vigente. Essa reação vem principalmente das redes sociais, com humor de caráter populista, mobilizando uma estética e uma linguagem com elementos lúdicos no intuito de mobilizar a aderência de vários segmentos da sociedade. Esse tipo de humor conseguiu a adesão massiva da sociedade brasileira, capaz de eleger em candidato com viés abertamente ultranacionalista e que apoia seu discurso sobretudo na tradição da família e no poder divino (CHAGAS, 2021).

A criação e ataque sistemático a inimigos como os “esquerdistas”, “comunistas”, “antipatrióticos” e etc. foi fundamental para o surgimento de um redentor, aquele que salvaria o Brasil da ameaça vermelha. Isso se deu quando a disputa política no Brasil deixou de ser pautada pelo voto do capital versus trabalho (PSDB versus PT) para o aumento do sufrágio religioso, sobretudo da parcela neopentecostal dos evangélicos. Esses votos são de uma camada social abertamente antagonista à laicidade do Estado e ultraconservador nos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo J. F.; VOLPI, Sandra Mara Dall' Igna Volpi. O fascismo na visão de Wilhelm Reich e suas relações com a história e a sociologia brasileira. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

costumes tradicionais (REIS; SOARES, 2017).

Desde [...] 2016, pode-se dizer que o Brasil tem um governo autoritário e movido por pautas reacionárias, com um Estado crescentemente violento e descompromissado com os direitos e garantias; mas não é um governo ou um Estado fascista. Na sociedade, no entanto, o fascismo já é perceptível, podendo inclusive tornar-se uma força eleitoral relevante, a julgar pela repercussão pública do nome do deputado federal Jair Bolsonaro, abertamente um defensor da ditadura militar, da tortura, da homofobia e de políticas de segurança públicas repressivas. (REIS; SOARES. 2017, p. 51).

Como chegamos até aqui?! observamos que desde a gênese da civilização brasileira nos idos de 1500 até os dias atuais uma espécie de tempero autoritário permeia as relações sociais, sejam elas entre classes, sejam elas entre indivíduos (SOUZA, 2019). Diferente da origem da civilização europeia, que sofreu uma ruptura com o escravismo do mundo antigo, a gênese da civilização brasileira está profundamente arraigada na violência e na escravidão, na divisão de gente e não gente (SOUZA, 2019).

Ribeiro (1995) questiona qual foi o primeiro brasileiro da história. Não podemos considerar os índios (dos povos que aqui habitavam, antes da chegada do europeu) como sendo brasileiros, pois não havia um poder central.

Não eram, obviamente, uma nação, porque eles não se sabiam tantos nem tão dominadores. Eram, tão-só, uma miríade de povos tribais, falando línguas de um mesmo tronco, dialetos de uma mesma língua, cada um dos quais, ao crescer, se bipartia, fazendo dois povos que começavam a se diferenciar e logo se desconheciam e se hostilizavam. (RIBEIRO, 1995, p. 29).

A chegada do europeu foi vista por eles como um acontecimento místico. “Seriam gente de seu deus sol, criador – Maíra –, que vinha milagrosamente sobre as ondas do mar grosso. Não havia como interpretar seus desígnios, tanto podiam ser ferozes como pacíficos, espoliadores como dadores.” (RIBEIRO, 1995, p. 42). No primeiro momento, o homem branco foi recebido com vivas e esperança, mas no decorrer das relações entre os dois mundos, com a escravidão, violência, doenças e desgraças essa visão começou a ruir. Da violência, mais precisamente da violência sexual do homem branco sobre a índia, surgiu uma massa de indivíduos sem identidade, já que não se identificavam nem com seu genitor (abusador de sua mãe) e nem com sua genitora, pois esta era vista como um ser menor e sem alma por aqueles que detinham o poder. (RIBEIRO, 1995).

Contudo, esse primeiro contato violento não foi exclusividade, já que muitos europeus se envolveram organicamente com os índios, adotando seus hábitos e modos de vida. Havia



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo J. F.; VOLPI, Sandra Mara Dall' Igna Volpi. O fascismo na visão de Wilhelm Reich e suas relações com a história e a sociologia brasileira. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

um velho hábito dos indígenas de incorporar estranhos à sua comunidade, denominado de cunhadismo. (RIBEIRO, 1995).

Consistia em lhes dar uma moça índia como esposa [ao estranho]. Assim que ele a assumisse, estabelecia, automaticamente, mil laços que o aparentavam com todos os membros do grupo [...].

Assim é que, aceitando a moça, o estranho passava a ter nela sua *temericó* e, em todos os seus parentes da geração dos seus pais, outros tantos pais ou sogros. [...] Esses termos de consanguinidades ou de afinidade passavam a classificar todo o grupo como pessoas transáveis ou incestuosas. (RIBEIRO, 1995, p. 81).

Como cada europeu podia fazer vários casamentos desse tipo e conseqüentemente colocar sob seus mandos seus novos parentes, essa instituição foi uma forma eficaz de recrutamento de mão de obra para trabalhos braçais como cortar e transportar pau brasil (RIBEIRO, 1995).

Na gênese, portanto, do povo brasileiro, encontramos forte e violenta influência do patriarcado europeu, que ditava suas próprias regras e colocava a seu mando e desejos primários todos aqueles a que tinha direito, construindo uma ampla pirâmide social em que o homem, branco e europeu, sempre estava no topo. (RIBEIRO, 1995).

Outro ponto importante nos primeiros anos do descobrimento das terras ultramarinas é o caráter salvacionista de alguns portugueses, sobretudo religiosos católicos jesuítas e franciscanos, que acreditavam num destino e propósito divino para os descobridores. O achamento de dilatadas terras, habitadas por gente com hábitos de animal selvagem, em estado bruto de pecado, luxúria e preguiça, comedores de carne humana e alheios ao hábito de se vestir era uma missão (mística) desses religiosos. (RIBEIRO, 1995).

A tarefa a que os missionários se propunham não era transplantar os modos europeus de ser e viver para o Novo Mundo. Era, ao contrário, recriar aqui o humano, desenvolvendo suas melhores potencialidades, para implantar, afinal, uma sociedade solidária, igualitária, orante e pia, nas bases sonhadas pelos profetas [...].

Os místicos franciscanos que se viam à frente do sistema de castas de índios remanescentes das civilizações pré-colombianas avançam, recrutando-os para converter pirâmides pagãs em templos suntuosos, para a maior glória de Deus. [...] Foi um desastre, mesmo onde as missões se implantaram produtivas e até rentáveis para a própria Coroa – [...] – prevaleceu a vontade do colono, que via nos índios a força de trabalho de que necessitavam para prosperar. (RIBEIRO, 1995, p. 60-61).

Mesmo que as missões não tenham transformado o Novo Mundo numa utopia cristã, em que o paraíso perdido seria retomado pelos novos fiéis (os índios) com a graça e a bondade dos missionários portugueses, esse caráter messiânico e místico acabou respingando



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo J. F.; VOLPI, Sandra Mara Dall' Igna Volpi. O fascismo na visão de Wilhelm Reich e suas relações com a história e a sociologia brasileira. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

na gênese e no porvir do povo brasileiro, que tem na ambivalência de seu surgimento (conversão e escravidão) uma de suas principais características. (RIBEIRO, 1995).

Em terras que futuramente formariam nosso país impôs-se uma ordem social baseada numa “extraordinária influência da família patriarcal como alfa e ômega da organização social do Brasil colonial” (SOUZA, 2019, p. 44), que tem seu início no campo e posteriormente passa para cidade. Esse modelo de sociedade teve origem por conta da forma que Portugal, um pequeno país a oeste da Europa, encontrou de colonizar gigantescas áreas de terras: delegando seu poder à particulares, que faziam da dominação e do mandonismo a força motriz das relações sociais na colônia (SOUZA, 2019). Essa ausência de freios institucionais fez com que no Brasil essas relações sociais fossem baseadas no sadismo de quem detinha o poder concedido pelo país europeu:

Foi sádica a relação do homem português com as mulheres índias e negras. Era sádica a relação do senhor com suas próprias mulheres brancas, as bonecas para a reprodução e sexo unilateral de que nos fala Freyre. Era sádica, finalmente, a relação com os próprios filhos, os seres que mais sofriam e apanhavam depois dos escravos.

O senhor de terras e escravos era um hiperindivíduo, (...) o bárbaro sem qualquer noção internalizada de limites em relação aos seus impulsos primários (SOUZA, 2019, p. 54).

A ausência de freios morais (superego) condicionava a sociedade aos desejos sórdidos, de violência e abusos, daqueles que detinham terras e escravos. A escravidão que os portugueses impuseram ao Brasil foi baseada no sistema escravocrata maometano do Norte da África, que existiu do século VII ao século XIX, e que tinha na escravidão sexual seu modelo. Cerca de 7,5 milhões de mulheres habitaram os haréns dos patriarcas, além de mais ou menos um milhão de eunucos. Em terras ultramarinas, Portugal introduziu e incentivou essa prática no intuito de consolidar como seu o espólio que aqui havia, produzindo uma sociedade dependente da condição autoritária do dono de pessoas; mesmo que legalmente filhos, esposas e agregados não fossem objetos de posse na liturgia da lei era assim que ocorria na prática. Essa condição atraía para o dono do poder total vassalagem de seus subalternos e aliança ou rivalidade com as famílias de seu entorno que também detinham certo poder (SOUZA, 2019). “Como sistema, o familismo tende a instaurar alguma forma de bilateralidade, ainda que incipiente e instável, entre favor e proteção, não só entre o pai e seus dependentes, mas também entre famílias diferentes [...]” (SOUZA, 2019, p. 55).

Um aspecto importante e peculiar no caso da escravidão no Brasil é que os filhos gerados pelas relações entre portugueses e índias ou negras nem sempre eram rejeitados pelo



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo J. F.; VOLPI, Sandra Mara Dall' Igna Volpi. O fascismo na visão de Wilhelm Reich e suas relações com a história e a sociologia brasileira. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

patriarca, muitas vezes recebendo tratamento muito parecido com os filhos legítimos. Isso fez com que surgisse no Brasil a classe do agregado, ou seja, mulatos e mamelucos que se identificavam com os valores e interesses do grupo opressor na intenção de ascender socialmente, diferenciando-se dos escravos, considerados abaixo da dignidade humana de ser (SOUZA, 2019).

O Brasil começou a vivenciar no século XIX (pouco mais de 100 anos depois de sua independência) uma modesta urbanização, que tinha na Europa seu espelho de ideal cultural (SOUZA, 2019).

Nesse novo contexto, o patriarca deixa de ser referência absoluta. Ele próprio tem que se curvar a um sistema de valores com regras próprias e aplicável a todos, inclusive à antiga elite social. O sistema social passa a ser regido por um código valorativo crescentemente impessoal e abstrato. A opressão tende a ser exercida agora cada vez menos por senhores contra escravos, e cada vez mais por portadores de valores europeus, sejam eles de qualquer cor – efetivamente assimilados ou simplesmente imitados –, contra pobres, africanos e índios (SOUZA, 2019, p. 57).

A exclusão social e o abuso da relação de poder passaram do pessoal para o impessoal; do senhor de terras e escravos para o Estado (SOUZA, 2020). Essa estatização do poder é representada pela figura do imperador, uma espécie de pai de todos os brasileiros. Esse processo de burocratização do poder exige mão de obra especializada, como juízes, fiscais, burocratas, etc.; aqueles que possuíam condições financeiras enviavam seus filhos para estudar na Europa e quando esse contingente de diplomados desembarcava no Brasil seus pais encontravam rivais do poder, que passaram da experiência prática para a formação universitária. São os filhos da elite agrária colonial brasileira que tomaram conta dos postos de trabalho no Estado, tendo acesso e influência para proteger antigos privilégios (SOUZA, 2019).

Essa passagem do campo para a cidade piorou as condições dos indivíduos de classes subalternas – se antes havia certa proteção pelo patriarca, na cidade os negros livres e os mulatos pobres se viram abandonados, dando origem a uma classe de indivíduos “perigosos, criminosos, maconheiros, capoeiras, etc.” (SOUZA, 2019, p. 64).

Todo esse cenário histórico criou no Brasil uma estrutura altamente excludente e punitiva, na qual aqueles que detinham o privilégio de serem livres reforçavam as diferenças de classes para manterem e ampliarem seus privilégios – o trabalho manual, por exemplo, era depreciado e evitado a todo custo no intuito de evitar qualquer relação com a condição social do escravo (SOUZA, 2019). Os imigrantes europeus que aqui chegaram nos anos após a abolição da escravidão tinham uma visão completamente oposta em relação ao trabalho, tendo



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Diogo J. F.; VOLPI, Sandra Mara Dall' Igna Volpi. O fascismo na visão de Wilhelm Reich e suas relações com a história e a sociologia brasileira. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

neste seu motivador maior para o sentido da vida (SOUZA, 2019). Esses imigrantes trabalhavam porque viam sentido no trabalho; para o negro não havia nada de digno no trabalho – muito pelo contrário (SOUZA, 2019). Mas as comparações do empenho do europeu nas lavouras e a “preguiça” do negro foi um reforçador do abismo social que só faz aumentar no Brasil atual e qualquer tentativa de amenizar essa condição será ferrenhamente atacada pelos setores reacionários de nossa sociedade que ascenderam ao poder (SOUZA, 2020).

REFERÊNCIAS

- CHAGAS, V. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. **Estud. hist.**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 72. Jan-Apr/2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2178-149420210109>>. Acesso em: 10/08/2021
- LANGER, W. C. **A mente de Adolf Hitler**: o relatório secreto que investigou a psique do líder da Alemanha Nazista. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.
- REICH, W. **Escuta, Zé Ninguém!** Santos: Livraria Martins Fontes, 1974.
- REICH, W. **O que é a Consciência de Classe?** São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- REICH, W. **O assassinato de Cristo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- REICH, W. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- REIS, G. S.; SOARES, G. O fascismo no Brasil: o ovo da serpente chocou. **Revista Desenvolvimento em Debate**, Rio de Janeiro: v.5, n.1, p.51-71, 2017.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.
- SOUZA, J. **A elite do atraso**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.
- SOUZA, J. **A classe média no espelho**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

Diogo Johannes Follador de Souza / Curitiba / PR / Brasil

Graduado em Educação Física - Licenciatura pela UniBrasil. Especialista em Psicomotricidade Relacional pelo CIAR. Especialista em Psicologia Corporal, com habilitação para atuar como Terapeuta Corporal, pelo Centro Reichiano, Curitiba/PR.

E-mail: diogojohannes@gmail.com

Sandra Mara Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicóloga (CRP-08/5348) formada pela PUC-PR. Analista Bioenergética (CBT) e Supervisora em Análise Bioenergética (IABSP), Especialista em Psicoterapia Infantil (UTP) e Psicopedagoga (CEP-Curitiba) e Acupuntura (IBRATE), Mestre em Tecnologia (UTFPR), Diretora do Centro Reichiano, em Curitiba/PR.

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br